



# Blumenau

## em cadernos

TOMO XII - ★ MAIO DE 1971 ★ - Nº. 5

## CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças  
à generosa contribuição dos seguintes  
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.



# Blumenau

## em cadernos

TOMO XII

Maio 1971

Nº. 5

### A ESTRADA DE TROPAS

ANTÔNIO PECHETTI

Há estradas que se notabilizaram no mundo. Algumas desempenhando papel sobretudo econômico e social. Outras, político-estratégico, representando inclusive, elos de unidade nacional.

A ferrovia "TRANSIBERIANA", de Moscou a Vladivostok (esta palavra significa ("dominadora do oriente"), no extremo da Ásia, é um exemplo moderno.

Outras ferrovias de importância quase idêntica, foram lançadas do Atlântico ao Pacífico, nos Estados Unidos da América do Norte e Canadá. No entanto, a "Via Ápia", sacudida pela marcha vigorosa das legiões romanas, foi tipicamente estratégica. E poder-se-iam alinhar dezenas de outras.

No Brasil, a "Transamazônica" e outras, serão motivo de apreciação das gerações que nos sucederem, como admiramos hoje e aplaudimos estradas de outrora. Uma destas é líquida: O Rio São Francisco, chamado "Via da Unidade Nacional", porque nascendo no centro-sul, vai casar suas águas com os

mares do nordeste.

Mas tivemos outros caminhos de importância. A "Estrada de Tropas", desempenhou função estratégica, política e econômica, ao menos igual à via líquida acima citada. Esta "estrada" sui generis, nada mais era que imenso trilho moldado a casco de burro. Do Continente de S. Pedro do Rio Grande do Sul, varando, por inteiro, os Estados de Santa Catarina e Paraná, ia ter seu ponto final em S. Paulo. Findava na famosa cidade de Sorocaba, em outros tempos e por dezenas de anos, a maior feira de animais do Brasil. Teve numerosas "variantes" ou pequenos desvios, que visavam sobretudo, evitar os "registros" do Governo, postados para cobrança de impostos.

Sua existência, data dos primórdios da ocupação do Sul e está vinculada estreitamente ao "Ciclo do Ouro" iniciado nas Minas Gerais, por volta de 1.700. A "corrida ao ouro", clamava pelo transporte de alimentos e outras necessidades. O luar, êste dócil e precioso



animal, era, àquela época, o mais indicado para a tarefa, e inclusive para a movimentação dentro das minas. Existia, abundantíssimo, nos campos do Sul. Pastava às soltas, sem dono e semi-selvagem, juntamente com centenas de milhares de gado bovino. Sua origem prende-se às Missões Jesuítas, levadas a efeito nestas partes do Brasil, pelos padres espanhóis.

Era, então, incomparavelmente mais precioso que o gado bovino, do qual no Sul, os «caçadores de bois», extraíam para a comercialização, apenas o couro e o sebo. Para tangê-lo a Sorocaba, (donde após à doma, era conduzido à Minas Gerais), procurou-se um caminho por terra, já que a diminuta e precária navegação da época, não era suficiente.

Dai a origem da «Estrada de Tropas». Seu pioneiro foi Francisco de Souza e Faria, que em 1.728, fazia o trajeto pela primeira vez. Procedente da «Fronteira de Viamão», seguiu pela costa, até a Laguna, então ponto avançado, do domínio lusitano no Sul do Brasil.

Das proximidades da Laguna, precisamente dos «Conventos do Rio Araranguá», partiu rumo aos Campos de Lages, então denominados Campos dos Pinhais. Galgou, com algumas dezenas de companheiros a íngreme Serra do Mar, que o Jesuíta Lozano, em sua «História de La Conquista Del Paraguai, Rio de La Plata y Tucuman» a disse «Tan Aspera que no pueden subir por ella animales y con suma dificultad y industria, los hombres».

No entanto, venceu-a Francisco de Souza e Faria, com seus homens, abrindo assim, a «Estrada de Tropas». Registre-se aqui, ter Souza e Faria, ficado deslumbrado

com os Campos de Lages, onde calculou pastavam, asselvajados e sem dono, cêrca de duzentos mil bovinos. Levou dois anos para a viagem pioneira até São Paulo. Algum tempo depois, Cristovão Pereira de Abreu, tropeiro famoso nos Anais do Sul, melhorando o caminho, construindo «pontes» e conduzindo enorme tropilha de burros, fazia o mesmo trajeto em treze meses. Alguns anos mais tarde, abandonou-se parte dêste itinerário, seguindo os tropeiros, do Rio Grande do Sul diretamente à Lages e desta para Curitiba e São Paulo. Consequentemente, a «Estrada de Tropas» seguia no rumo da atual BR-116.

Seu papel político e econômico foi dos mais importantes do País, sendo inclusive verdadeira estrada de «Unidade Nacional». Além disso, fomentou o povoamento do Rio Grande do Sul e das terras porque passava, principalmente do planalto catarinense. Ao longo do seu traçado surgiram (quase todas fundadas por tropeiros), várias de nossas atuais cidades.

Uma destas é Lages, onde ao chegar Correia Pinto para fundá-la oficialmente, viviam esparsos, muitos fazendeiros. Outro exemplo é Curitiba, fundada por dois irmãos tropeiros, procedentes de Curitiba.

Por quase duzentos anos a «Estrada de Tropas» foi o principal vínculo a unir o extremo-Sul a Piratininga e ao Rio. Sua importância só desapareceu ao surgirem na região, as ferrovias e a navegação a vapor.

E ela, com seu papel histórico, pioneiro, econômico e nacional, com as façanhas dos alquiladores e peões que a palmilhavam, ficou gravada para sempre, na lembrança e admiração dos brasileiros.



# Blumenau, Santa Catarina - Impressões de um Pesquisador Norte-Americano

Dr. RICHARD O. DALBEY

O Brasil representa uma das mais extraordinárias diversidades culturais que se pode encontrar em qualquer parte do mundo devido à imensidão de seu território. É um país de aspectos regionais tão variados que se torna impossível selecionar qualquer característica geográfica como "tipicamente brasileira". Embora a Amazônia faça parte do Brasil, politicamente falando, na realidade é um mundo à parte. Para o brasileiro médio, ela representa pouco mais do que uma «expressão geográfica», associada ao seu país, mas singularmente desvinculada de sua própria vida. Além dos aspectos regionais, que distinguem a Amazônia do Nordeste e do sertão sub-desenvolvidos, assim como o São Paulo progressista com suas fazendas de café, da cultura altamente avançada do estado do Rio Grande do Sul com suas enormes estâncias de gado, existem também contrastes culturais e raciais notáveis a serem observados dentro de cada Estado ou área.

Em nenhuma outra parte do país são êstes aspectos geográficos, raciais, culturais, e climáticos tão pronunciados como no Sul do Brasil. Esta região, por si só, compreende 35 por cento do total da população brasileira, embora ocupe apenas 9,7 por cento da área do país. Com um crescimento de 45 por cento entre 1950 e 1960, a população do Sul do Brasil atingiu 25 milhões, ultrassando a do Nordeste, cuja extensão territorial

no entanto atinge 42,2 por cento da área total do país.

Tendo em vista a região como um todo, a agricultura é a principal fonte de renda e empregos do Sul. Por outro lado, é também a maior área industrial, com o Estado de São Paulo sozinho representando mais de metade da renda industrial da nação. Também os outros três Estados - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - são importantes do ponto de vista industrial.

O Estado de Santa Catarina, situado entre a Paraná ao Norte, o Rio Grande do Sul ao Sul, a República da Argentina a Oeste e o Oceano Atlântico a Este, é o menor dos quatro Estados sulistas que compõem o coração dinâmico do Brasil correspondendo a apenas 1,13 por cento de superfície total do país (95.483 km<sup>2</sup>). Em 1960, a população total de Santa Catarina atingiu 2.147.000, ou seja, 3,1 por cento da população nacional, então com 70.799.000 habitantes. Uma série de vales cobertos por florestas cortam o Estado em direção este-oeste, formados por espigões partindo da cadeia de montanhas que forma a fronteira oeste do Estado. Santa Catarina é regado pelas águas do Rio São Francisco. O solo, embora um tanto arenoso nas planícies mais baixas, é fértil, o clima, ameno e as quatro estações, regulares. Os principais produtos agrícolas são o milho, feijão, arroz, mandioca e trigo. Embora o sul não seja uma região importante no campo



da produção mineral, é em Santa Catarina que se encontra a principal produção de carvão de todo o Brasil.

O vale do Itajaí, que compreende apenas 13 por cento da superfície nordeste de Santa Catarina com uma população de 311.413 habitantes em 1.950 (comparando-se com a população do Estado, então com 1.560.512), foi sempre o centro econômico e cultural mais importante de Santa Catarina - recebeu também o grosso da imigração alemã. Em nenhuma outra área do Sul do Brasil, Nordeste da Argentina ou Sul do Chile foram os alemães e seus descendentes distribuídos em grandes colônias étnicas tão marcadas como aconteceu no Vale. Na verdade, a população alemã no Sul do Brasil compreende o grupo étnico maior, mais antigo e mais enraizado de toda a América do Sul. A colonização alemã em Santa Catarina era tão intensa que, antes da II Grande Guerra dominava virtualmente todos os interesses estaduais, em tal grau que, durante o período de Vargas, o Estado era conhecido como a pedra fundamental de uma «Alemanha Antártica» no Sul do Brasil.

Enquanto que os alemães, italianos e eslavos formaram três grupamentos distintos de população estrangeira (todos de igual importância) no Estado do Rio Grande do Sul, o elemento alemão ali representa uma percentagem menor sobre a população total do que em Santa Catarina. Não se formaram no Rio Grande do Sul grandes cidades Germânicas, com exceção de São Leopoldo, nem colônias rurais na mesma extensão em que elas apareceram em Santa Catarina. Os italianos no Rio

Grande, devido ao número de imigrantes, atraíram tanto a atenção quanto os alemães, pois espalharam-se por todo o Estado. Por outro lado, em Santa Catarina, os italianos não ocuparam tanto território quanto os alemães e, de uma maneira geral, foram um grupo imigratório insignificante se comparado com o Rio Grande do Sul ou São Paulo. Outrossim, a colonização européia no Rio Grande foi muito mais dispersa por entre as comunidades luso-brasileiras do que em Santa Catarina, onde os alemães se estabeleceram principalmente em áreas isoladas ao longo de rios navegáveis do Vale do Itajaí e a uma boa distância de qualquer povoado de origem portuguesa.

A cidade «alemã» mais conhecida do Vale, e na verdade de todo o Brasil, é Blumenau. Em 1848 o Dr. Hermann Blumenau reconheceu uma certa semelhança entre os vales da zona escarpada e a região renana e previu o dia em que a colonização desta região formaria importantes vias de penetração para o interior. Os 17 primeiros colonos alemães que ali se estabeleceram em 1850 já se tinham tornado mais de 6.000 antes de 1870. Entre eles havia representantes de várias partes da Alemanha, sendo mais numeroso o grupo de Pomerânia. Estas pessoas, desde os primeiros estabelecimentos a se formarem, limpavam a terra e construíram suas fazendas e vilas nos vales partindo do porto de Itajaí.

Hoje em dia, Blumenau é uma cidade com mais de 47.000 habitantes, sendo que sua população de origem alemã vem se dedicando ao cultivo das terras ao redor da cidade e a negócios particulares, sendo os cargos de governo e o trabalho diarista ocupados pela



população luso-brasileira. Embora decepcionante para quem espera encontrar em Blumenau uma cidade bávara no coração do Brasil, existe na cidade um certo ar remanescente da Alemanha - na arquitetura, saúde pública e maneira de viver. As casas de tijolos com vigas externas de madeira são ainda o traço característico da cidade e arredores. A limpeza e as instalações sanitárias prevalecem. Mercadorias alemãs predominam nas lojas e as bicicletas são um meio de transporte comum embora a quase totalidade dos blumenauenses sejam bilíngües, o alemão ainda é ouvido nas ruas e é frequentemente falado nos lares.

Em contraste, Joinville, assim como também Florianópolis, são inteiramente brasileiras em aparência. Mas mesmo aí todos, incluindo a parte da população que é de origem não-germânica e a metade da população cujo aspecto físico é alemão, todos falam ou compreendem o alemão.

Nas áreas rurais de Santa Catarina, os alemães conseguiram conservar suas características raciais e folclóricas, embora de maneira um tanto diluída. Vias rurais do Vale do Itajaí, tais como Pomerode e Rodeio, ainda apresentam os traços habituais das prósperas, limpas e bem administradas cidades de Württemberg, Francônia o Schleswig-Holstein.

É difícil falar de Blumenau com imparcialidade e justiça. Só se pode mesmo descrevê-la como magnífica. A cidade tem a fragrância da tradição; seu povo tem uma personalidade marcante e um vivo senso de política. E embora Blumenau não esteja entre as

principais cidades brasileiras de hoje, permaneceu sempre uma metropole cheia de charme e sedução, ainda não tendo sido arruinada por forças centrifugas nem infestada por guetos em vias de desmorronar-se, índices elevados de criminalidade e congestionamentos de tráfego. Blumenau é abençoada pela cultura e pela história, se não pelo tamanho. Como muitas outras cidades brasileiras que são uma mera coleção de edifícios, sua magnificência está em não limitar os contactos humanos, nem através de repressão política, nem pela distância. A cidade é pequena e não dá lugar à formação de subúrbios para onde as pessoas se retiram à noite para comer e dormir.

Por outro lado, Blumenau não é exatamente uma cidade bonita e bem planejada. Embora abençoada por uma moldura física de beleza impressionante, isto não foi o suficiente por si só. Sua localização às margens do rio Itajaí é impressionante, mas infelizmente o homem prejudicou o trabalho da natureza, pois não tomou providência alguma no sentido de evitar as violentas cheias que causam danos irreparáveis. Não obstante, comunidades pequenas como Blumenau e Florianópolis quase sempre são bem mais confortáveis do que as cidades grandes, tais como Rio e São Paulo, que nem sempre proporcionam uma vida cômoda ou agradável. Embora Joinville, Blumenau e Florianópolis sejam três das mais confortáveis cidades do Sul do Brasil, nenhuma delas tem nem uma parcela da grandeza de Curitiba, São Paulo ou Rio. Embora Brasília seja uma das cidades mais elaboradamente projetadas do mundo, é também uma



das mais mortas. Blumenau, ao contrário, tem uma vitalidade efervescente que sugere o potencial das grandes cidades.

Talvez Marshall McLuhan e Frank Lloyd Wright estivessem certos ao afirmar que as cidades devem ser substituídas por comunidades menores. Enquanto Blumenau carece do poder, dinheiro e criatividade que atualmente estão concentrados na estrepitosa São Paulo, apesar de tudo, Blumenau é objeto de lendas e histórias e local de fascinação inerradicável falando de maneira geral, uma comunidade própria para habitação pelo homem. É preciso conhecer Blumenau para amá-la.

### CURRICULUM VITAE

O Dr. Richard O. Dalbey é Professor Assistente de Educação no Departamento de Educação Internacional Comparada da Universidade de Indiana, Bloomington, Indiana, U. S. A.. Recebeu seu título de Bacharel da Universidade de Wisconsin, Madison, Wisconsin,

o Mestrado e Doutorado em Educação êle os recebeu da Universidade de Indiana, Bloomington, Indiana.

Duas Bolsas de Estudos da Ford Foundation permitiram ao Dr. Dalbey conduzir pesquisas no Brasil, para a sua tese de doutoramento, em 1967 e 1968, quando êle foi freqüente visitante de Blumenau e da Biblioteca Dr. Fritz Müller. Sua tese de doutoramento «As Escolas Particulares Alemãs no Sul do Brasil durante o período de Vargas, 1930-1945: Nacionalismo Alemão vs Nacionalização Brasileira» será publicada brevemente em português pelo Ministério da Educação e Cultura, Universidade Federal de Santa Catarina.

O Dr. Dalbey publicou regularmente os resultados de sua pesquisa em publicações especializadas, inclusive a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Suas viagens o levaram a visitar não só a maior parte dos países latino-americanos, como também a Europa Ocidental e Oriental, África e União Soviética.



**O** Forte «Marechal Luz», na entrada da barra da Baía de Babi-tonga, em São Francisco do Sul, começou a ser construído em 1909, sendo terminado dois anos depois. Está situado na Ponta de «João Dias», em altitude superior a 100 metros. Seus canhões atiram sôbre as duas barras ao norte e sul do pôrto. A do sul é a mais profunda e é por onde é feita a passagem de todos os vapores que demandam o pôrto, passando a 300 metros das possantes baterias .



**P**or provisão de 27 de abril de 1759, Bento da Silva Veloso e Tomé da Silva, dão início à construção da capela de São João Batista da Armação do Itapocorói. A capela, com pequena reforma, é a mesma ainda existente no conhecido balneário.



## Uma viagem há 105 anos atrás

O Dr. Inácio da Cunha Galvão, como comissário do Governo Imperial, fêz uma viagem a Santa Catarina com a finalidade de fiscalizar as colônias, que o mesmo governo mantinha aqui. Os dados que êle apresentou ao Ministério da Agricultura, de que então era titular o Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas, são de grande interesse para os que, na actualidade, se aprofundam no estudo da história do povoamento e colonização de Santa Catarina. Em breve transcreveremos nêstes «Cadernos» muitas das informações constantes dos relatórios daquele consciencioso e dedicado auxiliar do Ministério a que se subordinavam os serviços de imigração, terras e colonização.

Agora, queremos, apenas, reproduzir o itinerário seguido pelo Dr. Galvão, desde a sua saída de Curitiba, até o seu regresso ao Rio de Janeiro.

O Dr. Galvão foi um grande admirador do Dr. Blumenau, defendendo junto às autoridades imperiais, tôdas as sugestões, projetos e reclamações do fundador da nossa cidade.

O Dr. Galvão partiu no dia 12 de fevereiro de 1867 de Curitiba, com destino à Colônia Dona Francisca (Joinville) pela estrada que então se pretendia abrir. O caminho, a princípio foi sofrível, e do meio para o fim, horrível. Fêz as 25 léguas em 40 horas de marcha, chegando ao seu destino no dia 17, pela manhã. Cinco dias de viagem.

De 17 a 24 fêz a inspeção da

Colônia. No dia 25, saiu de Joinville às 2 e meia da madrugada, de lancha. Cinco horas e meia pela Babitonga, chegando a São Francisco às 8 horas da manhã. Aproveitou para escrever, ali, o relatório do que observou na Colônia visitada, no que gastou três dias (26, 27 e 28).

A 1º de março, partiu de São Francisco para Itajaí. De São Francisco aos Pinheiros, de canoa: 6 horas de navegação. De Pinheiros a Itajaí, por terra, em caminho regular, à beira mar. Chegou a Itajaí no dia 3 à uma hora da tarde.

No dia 4, partiu da Vila de Itajaí para a Colônia Blumenau, às 2 da tarde, por terra. Bom caminho de cargueiros, 9 horas de viagem. Chegou a Blumenau no dia 5 ao meio dia. De 5 a 11 procedeu à inspeção da Colônia dirigida pelo Dr. Blumenau.

No dia 12, regressou, de canoa, para a Vila de Itajaí, às 7 horas da manhã. 14 horas de navegação descendo o rio. Chegou a Vila de Itajaí às 9 e meia da noite.

No dia 14 partiu, por terra, para Brusque, às 7 horas da manhã, por um caminho que êle chama de «horrível». Em 10 horas de marcha fêz as 7 léguas de caminho, chegando a Brusque no dia 15 às 10 horas da manhã.

A inspeção da Colônia durou de 15 a 22.

No dia 23, às 8 horas da manhã, partiu de lancha para Itajaí. 13 horas de navegação pelo rio Itajaí Mirim. Chegou à Vila às 10



horas da noite. Ficou em Itajaí esperando um iate e vento favorável por seis dias seguidos. Aproveitou para dar parte às autoridades policiais e à presidência da Província, dos acontecimentos na Colônia Brusque.

Partiu de Itajaí, de iate para Destêrro (hoje Florianópolis) às 9 e meia da manhã do dia 31, chegando ao destino às 10 e meia da noite.

De 1º a 4 de abril fêz a sua correspondência para a Côrte, e conferenciou com o Presidente da Província.

No dia 5, partiu de São José, fronteira a Destêrro, para a Colônia Teresópolis às 7 e meia da manhã. Chegou às 8 hora da noite (9 a 10 horas de marcha, 8 léguas, por estrada de cargueiros, regular). De 5 a 12 inspecionou a Colônia.

No dia 13, partiu de Teresópolis

para Santa Isabel. 3 horas de viagem pelo Cubatão e Rio dos Bugres. Caminho regular de cargueiros. De 13 a 18, inspecionou a Colônia.

No dia 18 partiu para a colônia nacional Angelina, às 9 horas da manhã e chegou em São Pedro de Alcântara às 3 da tarde, por mau caminho e depois de 6 horas de marcha.

Saiu de São Pedro de Alcântara às 7 horas da manhã do dia seguinte, 23 e, depois de 5 horas de marcha, chegou a São José à uma hora da tarde.

De 24 a 28 ficou em Destêrro aguardando vapor para o Rio de Janeiro. Seguiu para a Côrte no dia 29, no transporte «São José» e achou-se de volta no Rio de Janeiro em 1º de maio, pela manhã.

## ==X==

**A** Estrada de Ferro PEDRO I destinava-se a ligar Santa Catarina ao Rio Grande do Sul, atravessando tôda a zona interior ou de serra acima do primeiro dêstes Estados. Essa Via Férrea, cujos estudos preliminares começaram em 1884 não foi levada a efeito por se haver manifestado contra a sua utilidade a Comissão Fiscal do Govêrno, encarregada de examinar o traçado e dar parecer sôbre os resultados comerciais e econômicos que adviriam às duas províncias e aos cofres gerais, especialmente depois de pronta a estrada. Daí resultou, alguns anos mais tarde, em 1890 ser o govêrno da República obrigado a pagar aos concessionários da Emprêsa uma indenização de muitos mil contos de réis, gastos em pura perda»- (Virgílio Várzea - «Santa Catarina». pag. 181) - .



# BLUMENAU E SUA IMPRENSA

LXXXVI

## REVISTA DO VALE

Impressa na Tipografia Santos, veio á luz em dezembro de 1959, o primeiro número de uma revista ilustrada, a «Revista do Vale». Foi seu diretor geral o Dr. Joaquim Guimarães. Incontestavelmente bem feita e regularmente impressa, tinha cunho exclusivamente social. Tendo, pouco tempo antes, surgido a revista «Vale do Itajaí», sob a responsabilidade de Ozias Guimarães, irmão de Joaquim Guimarães, revista ainda em circulação sob o título de «Revista do Sul» e de que já tratamos nestes apanhados, surgiram, naturalmente, comentários sôbre os motivos que teriam inspirado a criação da «Revista do Vale» e que seriam os de fazer concorrência á publicação do Dr. Ozias. Por isso, Joaquim Guimarães, na última página da sua revista, escreve: «Não surgiu esta revista para fazer concorrência á notável «Revista do Sul - Vale do Itajaí», editada e administrada por nosso irmão, o Dr. Ozias Guimarães a quem muito prezamos e dedicamos o nosso melhor afeto. A «Revista do Sul» sai de Santa Catarina para o Brasil, mostra Santa Catarina aos brasileiros de outras plagas, ao passo que a «Revista do Vale» sômente servirá de intercâmbio entre a **High-Society** do Vale do Itajaí. As grandes indústrias, os grandes empórios catarinenses são focalizados nas bem ilustradas páginas da «Revista do Sul» que as levam aos mais longínquos rincões da nossa Pátria».

Com capa em duas côres, sempre focalizando elementos femininos de destaque na sociedade, «Revista do Vale» aparecia no formato 19,5 x 27 cm. com farta colaboração fotográfica dos cronistas sociais de Blumenau, Florianópolis, Rio do Sul, Itajaí, Joinville, Indaial, Timbó e Pôrto União, relatando os principais fatos sociais e, ás vêzes, esportivos, ali acontecidos.

O nº 3, de março de 1960, da Revista foi composto e impresso na «Gráfica União», passando o nº 4 em diante a ter oficinas próprias, a Gráfica «Revista do Vale».

Aparecia mensalmente. Lamentavelmente, não foi essa interessante publicação além do nº 8, datado de outubro de 1960. No seu gênero foi o que de mais original e bem feito apareceu em Blumenau.

LXXXVII

## REVISTA DO CINE BLUMENAU

A direção da principal casa de projeções cinematográficas de Blumenau, começou a publicar, em janeiro de 1953, uma pequena Revista, distribuída gratuitamente, aos seus frequentadores. Tinha, geralmente 16



páginas, em sua maioria com propaganda de casas comerciais e produtos industriais, uma ou outra curiosidade, problemas de palavras cruzadas e, sobretudo, indicações e resumos dos enredos das próximas apresentações. Formato 16x22cm. Algum tempo depois, tendo a Empresa assumido, também, a direção de outro cinema local, a revista passou a intitular-se «Revista Interna de Publicidade dos Cinemas Blumenau e Busch», guardando as mesmas características e formato. A redação estava a cargo de Têlvio Maestrini que também era o responsável. Impressão pela Gráfica Tupi. Depois de uma grande interrupção na publicação, a revista voltou a circular em junho de 1961 com outra denominação: «Revista Progresso», igualmente para distribuição interna e gratuita nos dois cinemas citados. Impressa na Tipografia Centenário, sem alteração no formato. Não consta, entretanto, nome de redator nem de responsável. Apenas figurava a indicação de serem diversos os colaboradores, com assuntos transcritos de jornais e Revistas. «Revista do Cine Blumenau», com o título substituído, foi publicada até 1960.

Em 15 de junho de 1961 apareceu uma «Revista Progresso de Blumenau», elaborada por Oswaldo Witthoeft e também destinada á distribuição interna do Cine Blumenau. Constava de 16 páginas quase só com anúncios comerciais. Também impressa na Tipografia Centenário. Essa revista foi uma nova tentativa de reviver a anterior, mas não chegou a ser publicada senão em 3 edições, desaparecendo depois.

## LXXXVIII

### O FERROVIÁRIO

Embora se saiba que o jornal, sob êsse título, cujo número de estréia traz a data de 24 de julho de 1959, represente a segunda fase do periódico do mesmo nome, publicado em 1945 e de que já tratamos, êle aparece como fôlha à parte, pois, começa com o número 1, com novos redatores e diretor.

Seu editorial, entretanto, tem a epígrafe de «Reapresentação» e diz: «Com especial prazer, anunciamos, hoje, o reaparecimento dêste periódico, cuja publicação esteve suspensa por longo tempo, devido a circunstâncias contrárias aos nossos desejos».

E, em artigo sob o título de «Professor Joaquim de Salles», escreve: «Reiniciando a publicação dêste órgão, queremos prestar uma justa e oportuna homenagem ao Professor Joaquim de Salles, lembrando que foi êle o diretor do «O Ferrováriário» em nossa primeira fase.

«O Ferrováriário», que ressurgiu como quinzenário, tinha como diretor Luis Reis, como diretor-secretário João Vieira e como diretor-gerente Waldemar Farinhas. Sua distribuição era gratuita, composto e impresso na Tipografia Santos, sita á Rua 15 de Novembro 1360 (fundos). Formato 26,5 x 37,5 cm. O primeiro número, como geralmente aconteceu com os seguintes, apareceu com 6 páginas. Já no seu segundo número, mudou o cabeçalho, com o título a traço e acrescentando: «Órgão da classe ferroviária do Vale do Itajaí. Fundador Prof. Joaquim de Salles».

O jornal teve a colaboração de destacados nomes na vida blumenauense, como Sebastião Cruz, Salomão Mattos, Rômulo Silva, Geraldo



Luz, Waldir Wandal, Ávila Filho, Jürgem Berner, além de seus diretores.

Com o número 5, passa a ser impresso na Tipografia União, rua 15 de Novembro nº 1425 (fundos). Com o nº 8, de 28 de outubro, aparece modificado o clichê do título. Desaparecem do subtítulo os dizeres: «Órgão da classe ferroviária do Vale do Itajai e Fundador Prof. Joaquim de Salles».

A vida do «O Ferroviário» não chegou a ser de um ano completo, pois cessou a sua publicação com o nº 19, de 1º de junho de 1960. Foi um jornal bem feito e bem impresso que prestou, realmente, bons serviços á classe a que servia e honrou, pela sua atuação elevado, serena, correta, a Imprensa Blumenauense.

—oOo—

## Dissertação sôbre Pardais e Corruíras

Por Gustavo KONDER

Embora inimigo declarado do pardal (*Passer domesticus*, da família Tringillideos e originados da Europa), devo mencioná-lo no ról da nossa fabulosa fauna, pois em tôda parte do país já se acha o pardal aclimado, de modo que não podemos nutrir a esperança de um dia vê-lo desaparecer. O indesejável pássaro já adquiriu cidadania, como aliás já anteriormente o fizera nos países sulistas e há muito mais tempo nos Estados Unidos e na Austrália.

Quando o grande prefeito carioca, Dr. Pereira Passos, na época em que o ilustre conterrâneo General Lauro Mueller era Ministro da Viação, mandou importar de Portugal alguns casais e depois soltou-os na Cidade Maravilhosa (Rio), muita gente protestou contra tal êrro, porém o «mal» estava feito e só lucrámos o que em geral lucra quem desagrada a outros, dizendo-lhes a verdade. Agora só

nos resta aceitar, conformados, o que é irremediável e, mais tarde, quando o famigerado pardal «puzer as manguinhas de fóra», teremos de recorrer aos mesmos processos de que hoje se lança mão nos países em que o atrevido passarinho já assumiu as proporções de verdadeiro flagelo...

Em resumo, suas credenciais, todas negativas, são as seguintes: não é pássaro insetívoro, que possa prestar serviços na horta ou no pomar, catando pragas; nem por desfastio procura, de vêz em quando, saborear um inseto, de modo que é um insulto, também sob êste ponto de vista, comparar o pardal com o nosso bom Tico-Tico. Só lhe sabem os cereais cultivados, catando-os de preferência na cidade, na rua, ou nos celeiros e depósitos. Mas não é êste o seu pior feitio, pois não são as migalhas que farão mais falta á nação. Por esta razão justifica-se a geral an-



tipatia que, em tôda parte, os verdadeiros amigos das aves nutrem contra o pardal, antipatia que chegou a ser rancor como setenciou Hornady com as seguintes palavras, ao ter o ilustre naturalista de tratar dessa ave, em sua maravilhosa «História Natural»: - Deixa-me molhar a pena em ácido corrosivo; ferve-me o sangue ao pensar que devo escrever o seu nome».

É que o pardal, além de tantos outros defeitos, tem o de ser terrivelmente briguento e egoísta. Onde êle domina, não permite que outros pássaros do seu tamanho vivam uma vidinha pacata e principalmente útil. Sem parar, êle martiriza aqueles seus pretensos rivais e, para eliminá-los de vez, lança mão de recursos baixos, próprios só de pássaro desalmado ou capaz de perversas judiarias, portanto apelidaram-no de «judeu» em Portugal. Profana os ninhos dos outros pássaros, joga ao chão os ovos ou mata os pintainhos e arrogantemente, apossa-se da casa alheia. Por esta forma em breve elimina da região o passado alegre, bem agradecido, que até então nos pagava com ótimos serviços a simples tolerância com que em geral costumamos manifestar-lhes a nossa simpatia.

Ao menos sirva-nos agora de lição esta infeliz importação do pardal; não é assim, sem mais nem menos, que se deve intervir contra as pragas existentes, mas não devemos corrigir atabalhoadamente o que vai indo seu bom caminho natural.

Enfim, vou descrever os traços característicos do «Passer domesticus»: - É de feitio e tamanho do nosso querido Tico-Tico, porém o corpo é mais esguio, a cauda é um pouco mais curta e o bico,

também menor, é mais grosso e mais bruscamente aguçado. A cor geral é moreno-parda, com tons ferrugíneos; no macho, uma grande mancha preta, em forma de guardanapo, arredondado, estende-se da garganta ao peito; as azas são malhadas de preto e duas listras brancas atravessam as coberturas das azas. A fêmea é um tanto mais castanho-ferruginosa.

Quando eu era menino, não existiam pardais em Itajaí, minha terra natal, porém, um belo dia, o português Capitão Adolfo de Andrade, velho lobo do mar, trouxe do Rio dois casais de pardais que, rapidamente, se transformaram em verdadeira praga. Muitos anos depois, encontrando o velho capitão, aposentado e encanecido, perguntei-lhe o motivo desse gesto e ele respondeu-me orgulhosamente: - «É porque são os meus patricios!». Tive gana de dizer-lhe, em pleno rosto, o meu protesto, porém retive-me, em face à sua avançada idade.

Quando eu residia em Itajaí, há 19 anos atrás, na minha casa na rua Brusque, caçava-os diariamente e em grande quantidade, utilizando-me de uma ratoeira na qual punha migalhas de pão. Depois de mortos presenteava-os aos meus gatos que se banquetevam gostosamente... Se pratiquei esta «criminalidade», foi somente para salvaguardar a nossa passarada nativa e maravilhosa.

Em alemão êle se chama «Sperling ou Spatz» e em francês «Moineau».

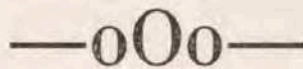
Passando a nossa mimosa Corruira ou Cambaxirra ou, na Amazônia, Cutipurui e Carriça - de origem portuguesa, devido a parecença do pássaro europeu correspondente - . Na Argentina chama-se Laratona ou Tacuarita.



Passarinho da família Troglodytidae, com vários gêneros e espécies, porém o mais conhecido, mais frequente e também mais nosso amigo é Troglodytes; todo êle pardoferrugineo, mais claro em baixo e com asas e cauda atravessadas por linhas escuras, um pouco onduladas. Muito delicado e irrequieto, êste nosso adorado amiguinho vive a saltitar pelos muros ou, então, da cumieira ou qualquer ponto mais elevado, faz ouvir sua melodia chistosa e alegre, interrompida, não raro, por uma conversa em tom gutural: - Krét-Krét-Krét. Seu ninho fa-lo quasi sempre escondido entre as telhas ou em outro abrigo seguro. Oferecendo-lhe uma caixinha, apenas com um buraco, abrigada da chuva e colocada em lugar conveniente, a Corruira não demora em aceitá-la para alojamento do seu ninho. Uma vez afeita ao local, tôda a parentela considera-se hóspede da casa - o aluguel será pago com melodias e com o serviço de

limpeza da horta e do pomar, onde, conscienciosamente, cata os indesejáveis insetos, principalmente cupins. De cada vez põe 3 a 4 ovos e durante o ano cuida de pelo menos 3 posturas, estando sempre preocupada, de Agosto até Maio. Na minha residência existem, penduradas nas paredes externas, cinco casinhas, caprichosamente feitas por mim, com portinhas redondas. De vez em quando fiscaliso-as por causa da atrevida intromissão dos pardais. As referidas casinhas estão sempre «alugadas», o que me deixa encantado. Adoro êstes alegres passarinhos, pois fiscalisam também as minhas plantas ornamentais e o meu jardim.

Em Itajaí é apelidada por «galinha de Nossa Senhora». O seu nome em alemão é «Zaunkoenig» (traduzido para o português: - Rei das Cêrcas) e, entre os nossos colonos, de «Baratenvogel». Em francês se chama «Roitelet».



**N**os começos do século passado, os moradores de grande parte do interior da Província de Santa Catarina, eram isentos do serviço ordinário da Guarda Nacional. Segundo dispunha da Lei 70, de 28 de abril de 1837, ficavam isentos dêsse serviço os habitantes dos sítios de Araranguá, Cabeceiras do Rio da Madre, do Tijucas Grandes e do Itajaí e em quaisquer outros lugares centrais, onde as habitações, por isoladas, sejam expostas a ataques do gentio, ou possam servir de centro e de apoio ao estabelecimentos de colônias.



# UMA HONROSA OPINIÃO

DO PROFESSOR ENÉAS MARTINS DE  
BARROS, RECEBEMOS A SEGUINTE CARTA  
QUE TOMAMOS A LIBERDADE DE TORNAR  
PÚBLICA:

«Acuso o recebimento, hoje, da excelente coletânea (encardernada) de «BLUMENAU EM CADERNOS», carinhosa homenagem do ilustre professor a êste modesto amigo, cujo único mérito decorre da delicada deferência que lhe tem sido tributada pelos grandes corações desta terra acolhedora.

Desde que aqui me localizei, vindo, por força das circunstâncias, da terra em que nasci, onde me criei e onde deixei, como valioso patrimônio, um círculo de amigos devotados. encontrei em V. S<sup>a</sup> e na sua obra excelente e eficaz derivativo para minorar as saudades e viver esta paisagem (inteiramente nova para mim), que logo me surpreendeu pela força da simpatia cativante.

Procurando informar-me sôbre a terra que tão generosamente me acolhia, visando a facilitar a minha identificação ao nôvo panorama humano, na ânsia de conhecer a sua história para melhor admirar e cultivar os homens que a ergueram, abriguei-me sob êsse solar de cultura sâbiamente comandado por V. S<sup>a</sup>, ocasião em que fui agraciado com as coleções dos BLUMENAU EM CADERNOS.

Ao contacto daquelas lições de amor, daqueles inventários de heroísmo sábio e sadio destemor, passei da admiração a Blumenau, a uma espécie de deslumbramento que me naturaliza já hoje blumenauense e me inspira fecundo orgulho da Pátria nossa.

E, nisto, Sr. Professor, acredito estar o grande mérito dos CADERNOS. Cada página, a pretexto de revelações históricas, é uma lição de civismo a incutir-nos um sentimento de profundo respeito e de indissolúvel amor à Pátria comum.

Não sei quantos sacrificios lhe custará cada número que vem à luz, dessa magnífica obra. Acredito-os numerosos, ingentes, terríveis. Sei o quanto custa o idealismo, sobretudo o quanto dói, se não presente o estímulo de correlata repercussão. Mas sei que aos homens de sua tempera, as grandes obras têm valor intrínseco e se pagam por si mesmas.

Talvez seja êste o caso de CADERNOS no que tangê às dificuldades, como o será em relação ao objetivos. BLUMENAU EM CADERNOS é uma grande obra, é uma obra que excede o tempo, ultrapassa os espaços e se constituirá o repositório, através das gerações, das grandes



virtudes que fazem os homens inesquecíveis.

Essa é a sua obra, no quão profundamente repercute em seu mais modesto leitor. Afigura-se-me um milagre de criação do futuro alicerçado indelêvelmente no passado luminoso. É a divulgação das virtudes eternas do homem, para permitir ao homem a própria eternidade.

Excelente trabalho vem V. S<sup>a</sup> fazendo em pról desta comunidade, em pról de sua cultura, em pról daqueles que ainda podem ter o grande mérito de saber apreciar, valorizar e reverenciar os méritos de seus ancestrais, daqueles que permitiram uma vida presente sem os percalços e os sofrimentos que lhe marcaram a vida.

Parabéns, Sr. Professor. V. S<sup>a</sup> imortaliza os homens de outrora, imortalizando-se na gratidão e na amizade dos que têm a felicidade de compreender a grandeza de sua missão e a pureza dos seus intuitos.

Abraça-o agradecido, o admirador e amigo

Enéas Martins de Barros»

Somos profundamente gratos e reconhecidos às generosas palavras do ilustrado e digno professor de nossa Universidade Regional.

-OXO-

## Mineração no Baú

O Novidades, de Itajaí, estampava, nº 43, de 26 de março de 1905, o seguinte.

«Publicamos há tempos uma noticia estrahida de um jornal deste Estado, e que tem sido transcripta em diversos outros jornaes declarando achar-se no Bahú um engenheiro commisionado pela casa Krupp, de Essem (Allemanha), para estudar as jazidas metalliferas dessa zona.

Estamos, porém, bem informados de que isto não é exacto: a mineração no Bahú acha-se, há quatro meses, a cargo do enge-

neiro Luiz Ferraz, que tem trabalhado exclusivamente por conta dos srs. Antônio Gonçalves Fontes e coronel Eugênio Muller.

No entanto, é natural que a importante casa Krupp possa ter tomado sério interêsse em tais estudos por tratar-se da descoberta neste estado de um metal - o molybdênio - que está destinado a produzir grandes commettimentos na indústria metalúrgica do aço.

Como é um metal pouco conhecido, devemos informar que elle sòmente tem sido encontrado em número reduzido de logares no



mundo, e isso mesmo em pequenas proporções.

Em todo o Brazil, apenas consta, até hoje, a existência de leves vestígios na serra do Orgãos, perto de Petropolis.

As jazidas do Bahú tem-se revelado de forma definida, e acham-se ainda em estudos de aproveitamento industrial.

Acaba de ser ahí montado um engenho hydraulico de socar minerios com pilões do systema Californiano, que representa um adiantamento das nossas indústrias: peças metallicas foram fabricadas nas officinas do sr. Altenburg, em Blumenau, e as installações de madeira foram todas feitas mesmo no Bahú! É portanto um engenho inteiramente nacional, e que vai pela primeira vez entrar em competência com os muitos fabricados nos Estados Unidos e importados para diversas minas em exploração no Estado de Minas Geraes.

Foi com inteira satisfação que ouvimos do engenheiro Ferraz a sua franca opinião sobre a zona que estudou.

O seu enthusiasmo é grande pelas observações que teve occa-

sião de fazer; considera os terrenos do Bahú, em que se acha localizado o molybdênio - uma zona bastante mineralizada, em que cobre, o chumbo, e ainda outros metaes foram disseminados de modo interessante e digno de um estudo minucioso.

Até hoje só se tem ouvido fallar no carvão de Tubarão, n'um meteorito encontrado a muitos annos, e na conhecida lenda das riquezas do Tayó. E assim viveu muitos annos o nosso Estado na phase das bellas miragens que encantam, mas nada produzem.

Cumpre-nos felicitar aos nossos amigos srs. Coronel Eugênio Muller e Antônio Goncalves Fontes, emprehendedores e arrojados capitalistas, pelo primeiro passo abnegado que acabam de dar para a realização da grande industria extrativa de Santa Catharina, destinada inquestionavelmente a collocar-se em breve a par de outros importantes centros metalurgicos conhecidos, visto que o seu território, quasi desconhecido em riquezas do sub solo, começa a ser agora devidamente desvendado».

E perguntamos nós agora: há realmente molibdênio no Baú?



**A** primeira embarcação a vapor a entrar a barra e sulcar as águas do Rio Itajaí Açu, foi o barco da marinha de guerra do Brasil «Dom Pedro», fato occorrido a 4 de março de 1857.



# SOCIEDADES DE CANTO

J. Ferreira da Silva

O blumenauense sempre teve grande amor pela música e pelo canto. Herdou essa singular afeição dos seus maiores, os alemães que fundaram a Colônia Blumenau nos meados do século passado. Mal haviam os pioneiros edificado os primeiros ranchos, aberto as primeiras clareiras nas matas cerradas dos vales do «Velha» e do «Garcia»; mal se agrupavam as primeiras famílias no incipiente povoado que se transformaria na cidade admirável de que tanto nos orgulhamos, e já se formavam os primeiros grupos de cantores. Primeiramente, o que o professor Fernando Ostermann organizou para solenizar o culto dominical, que êle mesmo presidia, na falta de um pastor evangélico, ou quando vinha à Colônia o pastor Hoelzel, sediado na vizinha colônia Dona Francisca. Nessas ocasiões, os poucos habitantes de Blumenau reuniam-se no rancho que também servia de escola e de hospedagem de imigrantes recém chegados, e aí, após a leitura e explicação de alguns trechos bíblicos, apropriados à oportunidade litúrgica, oravam e cantavam os hinos sacros trazidos da pátria de origem. Em 1857, chegou o pastor Osvaldo Hesse, homem de iniciativa e de cultura que tratou logo de organizar um câoro para a sua comunidade evangélica. E, não contente com isso, já em 1863, funda a Sociedade de Cantores «Germânia», da qual foi, por muitos anos seguidos, orientador e regente do Câoro. Essa sociedade manteve-se

sempre muito ativa, chegando a ter sede própria e congregando os melhores elementos da Sociedade local. Além de manter, sempre ativo e numeroso, o seu câoro orfeônico, o «Germânia» era ponto de reunião social onde, a noite em tórno das mesas de cerveja e do «skat», uma variedade de jôgo de cartas, os sócios se reuniam em alegres tertúlias. E à proporção que as linhas coloniais iam penetrando o interior, afastando-se sempre mais do povoado inicial, novas sociedades de cantores iam se formando, geralmente com sede nas salas das escolas particulares que iam surgindo com o crescimento da população. Criam-se grupos de cantores em Itoupava, em Encano, em Indaial, em Timbó, em Badenfurt e em Rio do Têsto. Onde quer que houvesse um número de famílias capaz de manter um professor, ali os colonos se reuniam fundavam uma sociedade escolar e contratavam, geralmente orientados pelo Dr. Blumenau, um mestre escola que, quase sempre, conhecia música e tratava logo de fundar um grupo de cantores. De início êsses câoros eram, apenas, para vozes masculinas. Isso se compreendia fâcilmente, de vez que, residindo muitas vêzes a grandes distâncias da sede da escola, os cantores tinham que percorrê-las, nos dias de ensaio, quase sempre a noite, por caminhos escuros, lamacentos, cheios de sustos e supresas. Só mais tarde, com a fundação da Sociedade de



cantores «Urânia», em 1875, é que começaram as sociedades de que participavam homens e mulheres nos grupos de cantores. Em 1879, em Timbó, onde a colonização se desenvolvia, muito próspera, pelos vales dos rios Benedito e dos Cedros e dos seus afluentes, fundava-se a Sociedade de Cantores «Teutônia» que teve, uma homônima em Itoupava Sêca, de onde se originou a atual Sociedade Ipiranga. Essa Sociedade «Teutônia» teve, por mais de 30 anos consecutivos, a regê-la o professor Júlio Scheidemantel que se distinguiu por uma existência inteira dedicada ao canto e à instrução das crianças, dando exemplo de um mestre inteiramente abraçado à profissão que abraçara. Nos meados dêste século, eram tantas, já, as sociedades de cantores no território do antigo Blumenau e dos outros municípios do Vale do Itajaí da colonização germânica, que as mesmas se uniram em federação que, anualmente, realizava concentrações de cantores em cidades alternadas. Essas concentrações, conhecidas por «festas de cantores», atraíam enorme concorrência de todos os recantos da zona colonial. Dezenas de sociedades participavam destas festas que se prolongavam em todo o dia, terminando, geralmente, por um grande baile. Durante o dia, as sociedades se revezavam nas apresentações de números de seus repertórios, enquanto, no pátio do salão escolhido desenvolviam-se folguedos populares com comidas, bebidas, rifas, tiro-ao-alvo, roda de fortuna e outras. Eram festas que marcavam época. Que ainda marcam, aliás. Realmente, ainda hoje a Federação de Cantores do Vale do Itajaí continua realizando

as suas concentrações anuais. Mas elas não têm o mesmo brilho e a mesma concorrência que as caracterizaram em anos anteriores. E os côros, nas várias localidades, vão em decadência que se evidencia no número sempre menor de participantes e no pouco interesse que despertam entre as atuais populações da antiga região colonial. É pena. Esses festivais de cantos representam legítimas manifestações da arte. São, além disso, uma das mais interessantes manifestações folclóricas que deveria ser protegida e incentivada tanto pelos particulares, como pelos poderes públicos. Não deixemos desaparecer um costume que teve sua origem com os homens que vieram desbravar as terras marginais do Itajaí e que aqui plantaram uma civilização maravilhosa, legando-nos exemplos de que nunca deveremos nos esquecer. Sobre os clubes de cantores, as «Sängerterein», muito se poderia escrever. Eles marcaram época nas crônicas artístico-sociais da época dos finais da Colônia e dos primeiros decênios do município. Quase em tôdas as festas de batizados, de aniversários, de casamentos não faltaram os cantores com os seus «lieds» e as suas canções. Até mesmo nos entêrros das pessoas mais destacadas da Comuna, ou de algum sócio-cantor, lá comparecia o grupo de cantores louvando, em notas repassadas de compunção e tristeza, o seu último adeus ao companheiro desaparecido. Não deixemos morrer tradição tão bela e de tanto significado cultural. Encontraremos uma solução para os problemas que vêm enfrentando as sociedades de cantores de Blumenau e que as vêm arrastando para o desaparecimento!



# Do Meu Caderno de Recordações

Ayres GEVAERD

REINHARD HEINRICH GRAUPNER

Guardo vaga lembrança de Reinhard H. Graupner.

Lembro-me que residia em uma pequena casa situada na atual Praça Barão de Schnéeburg.

Em 1919, ano de seu falecimento, tinha eu então 7 anos, quando lhe entreguei, certo dia, para consertar, um tambor. Na ocasião, lembro-me bem, o «Alter Graupner» afinava um violino.

Creio que, das personalidades do passado brusquense, não remoto, o «Alter Graupner» é o mais lembrado pelas suas condições de artista, fino humorista, professor e boêmio.

Não raro, em seus jornais, si é que podem ser considerados assim, notadamente o «Brusquer Fastnachtszeitung», vieram a lume duas ou três vezes, era mordaz, um tanto ou quanto sarcástico, incapaz, todavia de ferir brios ou a honra de seus semelhantes.

Todos lhe queriam bem e o admiravam pela sua inteligência, índole cordata e prestativa.

Participante dos grupos boêmios da época, frequentava com certa assiduidade bares, cervejarias e armazéns, cujos proprietários eram exaltados em seus escritos em prosa e verso. Não pretendo escrever, agora sua biografia; no devido tempo, quando a S.A.B. organizar o cadastro biográfico das personalidades de Brusque, isso será feito.

Desejo simplesmente recordar, para os que conheceram, aos saudosistas daqueles tempos, publicar novamente os notáveis versos do «Alter Graupner», retirados dos seus jornais e de folhetos que distribuía inuito bem impressos, por ocasião das festas dos Atiradores.

Para o leitor que não conheceu R. H. Graupner, possivelmente não interessarão estas relembanças dos tempos de nossos pais. Mas servem para ser avaliada a personalidade de um artista, de um jornalista e de um humorista extraordinário, que na década de 1910, principalmente, foi atuante em nossa comunidade deixando como testemunho de sua inteligência odes, poesias e quadros artísticos que hoje pertencem à Sociedade Amigos de Brusque e à Sociedade de Atiradores.

R. H. Graupner foi sócio dos Atiradores, rei do Alvo inclusive e participante de grupos culturais da época.

Nasceu na Alemanha no dia 14 de maio de 1867 e faleceu no dia 26 de junho de 1919, achando-se sepultado no cemitério da Comunidade Evangélica.

Devo acrescentar, antes de transcrever versos e notas do sandoso «Alter Graupner», que não é recomendável a tradução para o vernáculo. Perderiam completamente a graça e o sentido.



# Brusquer Kneipen

Wenn man nach des Tages Mühen  
In der stillen Dämmerzeit,  
Fröhlich will ins Wirtshaus ziehen,  
Kommt man in Verlegenheit,  
Weil man sinnt, wohin man gehet;  
Kneipen gibt es ohne Zahl.  
Zwischen vier, fünf Häusern stehet  
Sicherlich ein Bierlokal.

Will allabendlich besuchen  
Man nicht mehr als ein Lokal  
Muss man sich das täglich buchen  
Damit jedes dran kommt mal.  
Doch die meisten Gäste irrten  
Trotzdem sich nach kurzer Frist,  
Weil die Liste von den Wirten  
Eine ziemlich lange ist.

Drum hab' ich für Wirt und Gäste  
Diese Liste hier gemacht;  
Alle Wirte sind aufs Beste  
Drin in Vers uns Reim gebracht.  
Jeder sei nun so vernünftig,  
Lern' die Liste ganz genau,  
Rezitier' geht aus er künftig,  
Vorher stets sie seiner Frau:

OSCAR Krieger, Rau, Sabina,  
Noli, recte Antonina,  
O. Petruske, Lübke, Strecker,  
Rudolf Krieger, Niebuhr, Becker,

Otto Schaefer, Josef Knihs,  
Edmund Moritz vis a vis,  
Krause und Gregorio,  
Alles Wirte «comme il Faut».  
Bei João Schaefer, bei Lauritzen,  
Und bei Appel kannst du sitzen,  
Auch, bei Gracher und Max Köhler,  
Nur sei niemals ein Krakeler,  
Trinkst als Gast deir Bier du friedlich,  
Wird kein Wirt je ungemütlich.

Freund, du siehst, in Brusque fehlen  
Für Besitzer trockner Kehlen  
Bierlokale nicht und Kneipen,  
Wo man kann die Zeit vertreiben.  
Sieh nur zu, dass du als Gast  
Auch das nöt'ge Kleingeld hast.



# CREMER S/A.

Produtos Têxteis e Cirúrgicos

BLUMENAU - Rua Iguaçu, 291/362 - Santa Catarina

Caixa Postal, 953 — Fone 22-1066



Gazes e Ataduras Medicinais

Ataduras Gessadas

Algodão Hidrófilo

Fraldas para Bebês

Faixas Higiênicas Para Senhoras

Artigos de Primeira Qualidade.



# Companhia

## COMERCIAL SCHRADER

BLUMENAU — Santa Catarina  
Caixa Postal 4 - Telegramas «CIASCHRADER»

110 anos de tradição no comércio do  
Vale do Itajaí

Sede, Administração, Escritório e Lojas  
Rua 15 de Novembro, Nº. 117  
Telefones: 22-0411 e 22-0736  
Depósitos: Rua Itajaí, 260  
Telefone: 22-0429

Oficina mecânica especializada “MERCEDES BENS”

Rua Itajaí, 625  
Telefone: 22-0450

Revendedores de Chassis e peças «MERCEDES-BENS»  
Lubrificantes «MOBILLOIL»; pneus e câmaras de ar  
«DUNLOP» e «PIRELLI»

Agentes Gerais da “CIA. BOAVISTA DE SEGUROS” e “SANTA CRUZ”  
Cia. de Seguros Gerais  
Telefone: 22-1024